

UMA LEITURA DA PERSONAGEM ISABEL À LUZ DA TEORIA ARQUETÍPICA DE JUNG, NA OBRA *A CORRENTEZA DE ALINA PAIM*

Resumo

Esse trabalho apresenta uma leitura crítica do romance *A correnteza* da escritora sergipana Alina Paim, notadamente a partir da categoria do arquétipo da sombra (o mal), uma vez que consideramos fundamental compreender como esse arquétipo, na perspectiva junguiana, aparece no literário, especificamente na obra da romancista em tela. Marcada por uma trajetória de desencontros emocionais e afetivos, a personagem central vive mergulhada em dramas existenciais que a levam à prática do mal, ao isolamento total e à morte. Neste particular, a teoria junguiana esclarece a leitura crítica no que diz respeito ao comportamento 'sombrio' e insano da protagonista. Subsidiamo-nos, ainda, dos aportes teóricos de Von Franz, John Sanford e Gaston Bachelard, por entendermos que iluminam e complementam a nossa análise da personagem.

Palavras-chave: Alina Paim, literatura, arquétipo, Jung.

A READING OF THE CHARACTER ISABEL UNDER THE LIGHT OF THE ARCHETYPICAL THEORY BY JUNG, IN THE BOOK A CORRENTEZA BY ALINA PAIM

Abstract

This work presents a critical reading of the novel *A Correnteza* from the writer Alina Paim, notably from the shadow (evil) archetype category, once we consider essential to understand how this archetype, from the Jungian perspective, appears in literature, especially in the work of the novelist on screen. Marked by a trajectory of emotional and affective disagreements, the central character lives immersed in existential dramas that lead her to the practice of evil, total isolation and death. In this case, Jungian theory clarifies the critical reading regarding the 'dark' and insane behaviour of the protagonist. We also subsidize the theoretical contributions of Von Franz, John Stanford and Gaston Bachelard, as we understand that they brighten and complement our analysis of the character.

Keywords: Alina Paim, literature, archetype, Jung.

UNA LECTURA DEL PERSONAJE ISABEL A LA LUZ DE LA TEORÍA ARQUETÍPICA DE JUNG, EN A CORRENTEZA DE ALINA PAIM

resúme

Ese trabajo presenta una lectura crítica de la novela "A correnteza" de la escritora sergipana Alina Paim, a partir de la categoría del arquetipo de la sombra (lo malo), una vez que se considera fundamental comprender como este arquetipo, bajo la perspectiva junguiana, se muestra en lo literario, específicamente en la obra de la referida novelista. Marcada por una trayectoria de desencuentros emocionales y afectivos, el personaje protagonista es una mujer vive sumergida en dramas existenciales que se la llevan a las malas prácticas, al aislamiento total y a la muerte. En este particular, la teoría junguiana aclara la lectura crítica en lo que dice sobre el comportamiento "sombrio" e insano de la protagonista. Basándonos, todavía, en los aportes teóricos de Von Franz, John Sanford y Gaston Bachelard, pues entendemos que iluminan y complementan nuestro análisis del personaje.

Palabras claves: Alina Paim, literatura, arquetipo, Jung.

1. INTRODUÇÃO

A nossa reflexão acerca da relação entre psicologia e literatura encontra-se embasada em uma conferência proferida por Jung, em maio de 1922, na Sociedade de Língua e Literatura Alemãs, em que ele aborda a “Relação da Psicologia Analítica com a obra de arte poética”, destacando que a Psicologia Analítica não se propõe a opinar sobre o valor estético da obra de arte, pois centra suas observações no processo de atividade criadora e no estudo psicológico da estrutura da produção artística. Neste sentido, a grande contribuição de Jung para os estudos literários é a decifração ou o reconhecimento das imagens simbólicas arquetípicas que se materializam na produção artística, iluminando, assim, as significações discursivas.

Jung destaca que o texto literário é produto da atividade criadora individual, em que o artista reelabora elementos disponíveis (imagens) em determinado contexto sócio-cultural. Além disso, ele diferencia dois procedimentos distintos na criação da obra literária: o psicológico e o visionário; entretanto, assegura que a obra visionária é a que mais oferece possibilidades de interpretação ao psicólogo, pois na obra psicológica, o autor antecipa a psicologia particular de seus personagens, de modo que sobra ao psicólogo pouco a acrescentar que o autor já não tenha dito.

Devemos a Jung a compreensão dos processos psíquicos que se originam no interior do inconsciente coletivo, pátria do mito. A mitologia tem importância fundamental na formulação da teoria da psicologia junguiana, desde seu início. Na verdade, ela se estrutura a partir de uma base psicopatológica, em que Jung descreve como se dá a presença do mito na dinâmica da consciência/inconsciência – nível psicológico capaz de influenciar nossos comportamentos para o bem ou para o mal. Outrossim, a mitologia funciona como um mapa da psique humana, “uma personificação das forças psíquicas arquetípicas e eternas que compõem o universo interior dos seres humanos” (SANFORD, 1988, p.35).

Ao iniciarmos a jornada das nossas vidas, vamos, aos poucos, adquirindo conhecimento, de modo que as

coisas se dividem em boas e más, ou seja, iniciamos o processo de fabricação da sombra – o lado obscuro, e indesejado da nossa personalidade –, cuja relação com os distúrbios da psique humana conduziu Jung a várias experiências. Ao estudar o mal do ponto de vista mitológico, observou que a visão do homem primitivo lhe pareceu mais acurada do que a nossa visão moderna, que por ser materialista e racionalista, nega a existência de deuses e demônios, ignora a realidade da psique e, conseqüentemente, está propensa a negligenciar o poder da sombra. Esta, por sua vez, é quase sempre personificada como seres e espíritos mitológicos pelos primitivos; juntamente com a persona, o animus/ anima e o Self referem-se aos conteúdos e comportamentos que se repetem através dos tempos, responsáveis pela coordenação dos elementos psíquicos, e se expressam através de imagens e símbolos nos sonhos, fantasias e devaneios.

Os arquétipos, cargas energéticas de grande força, embora não sejam objetos ‘reais’ emitem grandes poderes capazes de transformar a psique humana. O homem sob tais poderes vivencia, paralelamente, céu e inferno, luz e treva. Segundo Jung (2000, p. 287), a individuação é a única forma de que ele dispõe para trabalhar os aspectos negativos de si mesmo, pois permite a retirada das ‘projeções’ (aspectos da sombra,) levando o ego à realização do si-mesmo, ou seja, à recuperação da personalidade Total. Assim como a fé religiosa é uma das formas de se estar confiante no mistério que envolve a vida e a morte, também a recuperação da Totalidade pela individuação obriga o homem a fazer a ‘travessia’ confiante, pois trata-se de um processo que está ligado a um “despertar” da consciência, envolve a integração progressiva do si-mesmo inconsciente, eterno, na personalidade do indivíduo que está ligado ao tempo.

2. ISABEL: UMA PERSONAGEM SOMBRIA EM MEIO À CORRENTEZA DA VIDA

O romance *A correnteza* narra a história de Isabel, uma dona de casa de cinquenta e três anos, em meio à luta para realizar o ‘sonho’ da casa própria que, de acordo com a narradora, a acompanha desde a infância “Antes

de crescer da terra, lhe habitava a vida desde os doze anos” (AC², p. 6); porém não se trata de uma casa qualquer “A casa, mesmo enfileirada entre milhares de outras iguais, teria sinais de identificação própria” (AC, p. 6); pois está associada aos devaneios da protagonista.

O enredo se constrói a partir de múltiplos narradores que se vão integrando na história, segundo a importância do seu papel em relação à vida da protagonista. Através de *Flashbacks* deixam a descoberto a difícil infância de Isabel numa casa de subúrbio, alugada, paredes cruas que “não cabia mais nem gente nem coisa” (AC, p.53); apenas o espaço para o sonho “Vou ter uma casa-grande, construída para mim. Uma casa Virgem” (AC, p.12). A personagem, além de viver na pobreza, padece com a falta de atenção e carinho da mãe, para quem “os filhos eram tantos que a cada um cabia apenas um gomo do amor, como em partilha de laranja” (AC, p.55), e com a rigidez do pai.

A narrativa destaca que Isabel, durante parte da infância, alimenta uma forte cumplicidade e amor pela irmã mais velha, Mariana. Porém, aos treze anos um fato marca-lhe a vida: por ordens do próprio pai, abandona a escola a fim de trabalhar para ajudar a pagar os estudos de Mariana, prestes a concluir o normal. Isabel, então, abdica do sonho de tornar-se professora de geografia, sair da miséria em que vive; o que lhe causa profunda tristeza.

Jung (1998) afirma que, diante de perdas consideráveis, o ego busca formas de compensação. Neste sentido, o desejo obcecado da protagonista que cada vez mais se reafirma “– Vou ter uma casa” (AC, p.13), inscreve-se como maneira de compensá-las; levando-a a acelerar seu ritmo de trabalho “O pano correndo sob a agulha, o ruído do motor, o farol da Singer clareando-lhe as pontas dos dedos. (...) foi nesse mundo de todas as noites que a teoria se firmou verdade” (AC, p. 10).

Para Bachelard (1990, p. 3), dentre todas as coisas do passado, a casa é uma das imagens mais presentes nas nossas vidas, pois traz lembranças da nossa infância: trata-se da nossa casa onírica, incorporada em nós,

suscitando devaneios diversos dentro de compartimentos que guardam fantasmas do nosso passado. A casa, portanto, constitui-se num verdadeiro ‘mito’ há muito explorado na arte literária de todos os tempos e em diversas culturas. O mito leva o homem a ‘experenciar’ uma realidade primeva que satisfaz não apenas às necessidades religiosas, mas às aspirações morais e a pressões de ordem social.

Na concepção junguiana, paralelamente ao surgimento de um mito, ocorre a irrupção do arquétipo, que traz no seu bojo energias positivas e negativas. Neste sentido, a casa personifica o mito da Grande Mãe e, ao mesmo tempo, corresponde à imagem do arquétipo materno, cujas polaridades estão representadas, no contexto da travessia de Isabel, da seguinte forma: primeiramente, temos a casa da lembrança, que se refere à infância de menina (de 0 a 12 anos), e está associada ao alimento, aconchego, segurança, portanto, ao bem; depois, a casa real, relativa ao desejo, sexo, poder, uma representação do mal.

Jung (1981) provou que as pessoas se orientam na vida por uma ou mais das quatro funções psicológicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Entretanto, a primeira é a que nos permite fazer avaliações, daí ser conhecida também como função ‘valorativa’. A pessoa cuja função sentimento é bem desenvolvida tem a capacidade de sentir as coisas como boas ou más, justas ou injustas. Caso contrário, ela estará mais propensa a se tornar instrumento da sombra. Marie-Louise Von Franz assinala que, sem o mínimo desenvolvimento da função sentimento, torna-se quase impossível a pessoa se humanizar, ou seja, terá sempre uma posição egocêntrica em relação à sombra. Em contrapartida, pode-se dizer que ela (a sombra) ajuda a incrementar a função sentimento. “Se não existisse o mal, não haveria reações de sentimento, o que torna o assunto paradoxal. (...), ou seja, o mal é necessário, caso queiramos nos tornar completamente humanos” (Apud SANFORD, 1988, p. 20).

O processo de individuação engloba toda a vida; entretanto, na primeira fase, o ego busca apenas a adaptação ao meio familiar e ao grupo social, o que pode gerar alguns transtornos e desencadear complexos do ego. Ao longo

da ‘viagem’ rumo ao desenvolvimento da personalidade, o ego poderá deparar-se com situações adversas, em que terá que escolher entre o bem e o mal. Quase sempre escolhe o primeiro, de modo que impede o desenvolvimento da personalidade autêntica, ficando de lado a sombra, isto é, as fantasias e emoções que amedrontam.

Com Isabel deu-se exatamente o contrário. A partir do fatídico dia em que Mariana foi escolhida, ela passa a nutrir um profundo ódio contra o pai tirano, a mãe ausente e, principalmente, contra a irmã, identificando-se, portanto, com o lado obscuro da sua psique. Suas atitudes egocêntricas são patrocinadas pela regressão da energia que baixa ao nível do *autós*, fazendo com que aja de forma instintiva (primitiva); incapacitando-a de fazer julgamentos positivos. Na verdade, a sombra apodera-se do ego, de modo que a protagonista investe no mal, conforme suas palavras atestam,

as pessoas fortes quando amam têm amor, quando odeiam amamentam o ódio, quando querem uma coisa afiam a vontade como espada e, se matam alguém, não se arrependem. Quem é forte está sempre do lado da justiça. Um forte não sente remorsos” (AC, p.68).

O grande norte da psicologia junguiana é a força erótica ligada ao prazer, que, além de trazer à tona todos os conteúdos reprimidos ao longo da vida, poderá propiciar a ‘cura’ através da retirada das projeções – imagens, fantasias, valores – tornando-as conscientes. A Grande Mãe é “a raiz misteriosa de todo crescimento e mudança; o amor que significa volta ao lar, abrigo, e o longo silêncio em que tudo tem seu início e no qual tudo encontra seu fim” (JUNG, 2000, p.101).

O prazer e o mal (a sombra) estão associados à loucura dionisíaca, ou seja, àquilo que é selvagem em nós, e que insistimos em reprimir. O deus grego pagão apresenta características sombrias: enlouquecia as mulheres, levando-as ao êxtase, o que não era muito apreciado do ponto de vista social. O mito de Dionísio representa o Eros materno, associado à Grande Mãe e aos mistérios da força vital. O Eros é a grande força propulsora capaz de decifrar os nossos enigmas.

As loucuras praticadas por Isabel identificam-na com o mito grego citado, do ponto de vista social; como o ápice da recusa e da rebeldia, que em nada contribui para a união do grupo. Assim como o mito, Isabel segue na ‘contramão’ em relação àquilo que é socialmente estabelecido como ‘normal’; as maldades que tanto lhe causam orgulho e satisfação servem para deixá-la convicta de que nunca descobrirão absolutamente nada

Toda vida tem dois andares: um erguido na flor da terra; outro subterrâneo, a prisão das coisas clandestinas. Dizem de mim, Isabel: é egoísta e avarenta mas de procedimento limpo. De mim, diria eu: Isabel, só Isabel conhece. Vocês não descem minhas escadas, nunca me verão como sou” (AC, p.10)

Do ponto de vista psicológico, a persona (máscara), metaforizada pelo falso comportamento ‘limpo’, luta para se manter firme. O ‘subterrâneo’, por sua vez, diz respeito ao aspecto terrível da sombra, que assume na narrativa, dentre outras, a forma satânica,

No porão de mim mesma, onde agora a certeza não toca, deixei a fé, esperança e caridade, o fogo eterno (...) Satanás. Quando a pessoa diz esse nome, cerra os dentes, arregança os beiços, carrega mais na voz. Ele se enfiou no espelho do Bispo, do senador, no meu, em mim” (AC, p.206).

O Satanás não traduz uma qualidade pessoal, trata-se de uma ameaça que vem das profundezas, portanto, um conteúdo projetado do inconsciente coletivo. Este, por sua vez, representa, a um só tempo, a sedimentação de todas as experiências milenares do homem. Para Jung, na medida em que fazemos parte da psique coletiva histórica, através do inconsciente,

é natural que vivamos inconscientemente num mundo de lobisomens, demônios, feiticeiros e tudo mais, porque, antes de nós, em todos os tempos, essas coisas afetaram o mundo violentamente. É assim que também temos parte com os deuses e os demônios, com os santos e os facínoras (JUNG, 2000, p.75).

Jung (1993) destaca que o lado sombrio inclui conteúdos positivos, criativos, que se tornaram negativos por estarem bloqueados, reprimidos. O receio de revelá-los torna a psique ambígua, levando à sensação de duplicidade difícil de administrar, como se houvesse duas pessoas em uma. A pessoa, então, projeta os aspectos negativos de si mesma em outras pessoas. “Essa temática do ‘duplo’ é bastante comum na literatura, representado no desdobramento de personagens que lutam entre si, dando corpo e tendências opostas no interior do ser humano” (VON FRANZ, 1985, P.17). O pensamento de Von Franz corrobora com o de Jung, no que diz respeito ao confronto entre essas partes opostas, o que geralmente ocorre quando a sombra cresce muito e passa a exigir seu próprio espaço na consciência. Manifesta-se através de impulsos incontroláveis que revelam algum conteúdo oculto do psiquismo.

No contexto da narrativa de Paim, Mariana torna-se um ‘desdobramento’ de Isabel, portanto, uma projeção da sombra, contra quem lança um plano de vingança, iniciando-o por roubar-lhe o noivo de forma traiçoeira,

Tem que ser de assalto, um pulo no fogo, sem lhe dar tempo de pensar. Era ficarem sozinhos e ela dar e arrancar. Marcou bote para a próxima vez. (...) de uma coisa sabia, questão de vida e morte: Augusto não podia pensar, nenhum minuto, um fiapo de segundo, tinha de ferver, o sangue borbulhar, antes de ter consciência. Uma vez, bastava. Uma era tudo. Vingo a escolha de Mariana, consigo quem trabalhe para mim, saio da casa-prisão” (AC, p. 86).

Jung enfatiza que há arquétipos que correspondem a várias situações, tais como as relações com os pais, o casamento, confronto com a morte, entre outros. Porém, aqueles que tratam da relação com os pais são os mais importantes e, portanto, problemáticos. No contexto da travessia psicológica de Isabel, o fato de ela possuir uma mãe ausente e um pai rígido desencadeia uma série de distúrbios emocionais, dentre eles, o ciúme e o ódio; assim, a relação de Mariana com Augusto reflete, de certa forma, aquela dos pais que, de acordo com o enredo, eram muito unidos. Eis o motivo

por que “Mariana e Augusto foram as primeiras coisas pisadas no caminho” (AC, p.87).

Indiferente ao amor que os unia e ao fato de que “casariam no mês de maio logo que ela voltasse da viagem de férias a Fortaleza” (AC, p.77), Isabel põe em prática um plano diabólico: forja um encontro desprezível no apartamento do rapaz, seduzindo-o. Decepcionado, o pai, com certeza, o obrigaria a casar-se com ela. O mal ganha espaço cada vez mais significativo na vida da protagonista, que, não se sentindo totalmente satisfeita, “Quis gritar que Augusto fora adquirido na condição de escravo, a sua cobrança e o seu vingar. Uma ideia que começou de brincadeira, em almoço de domingo” (AC, p.84). Entretanto, Isabel não para por aí, defende imediatamente seu ponto de vista em relação ao seu “sonho de aço” (AC, p. 32).

Homem é quem sustenta a casa. Vou trabalhar pra fora, fazer a própria freguesia. Meu dinheiro você não vai saber a cor nem sentir o cheiro. Da minha bolsa se mete em Banco, até construir a casa. Quando tenho um sonho passo por cima de tudo e de todos, até conseguir” (AC, p.87).

Além de Mariana, todas as outras ‘vítimas’ de Isabel estão relacionadas direta ou indiretamente à aquisição da casa. Depois de ter-se vingado da irmã, traça, com sucesso, um plano contra Madame Julie, a dona o ateliê em que trabalha, e de quem rouba as clientes mais abastadas, como D. Aurélia, esposa de um senador “tomava-lhe toda a freguesia, o primeiro rato seria a Senhora- Dona-Viúva-de-Senador, começava o jogo de engolir, nessa manhã” (AC, p.162). Assim, roubar, mentir e enganar vão alicerçando o mundo da protagonista, que, investindo na ‘falsa’ amizade, chega a herdar um apartamento da cliente, “(...) ofereceu o apartamento pequeno de Laranjeiras” (AC, p. 142). De posse do “legado da viúva do Senador” (AC, p. 142), oferece-o a Ricardo, o filho mais velho “Era o socorro dela, o que podia dar sem dividir o casarão com ninguém” (AC, p. 142). A partir dessa atitude de Isabel, o rapaz entendeu que a casa “Era de carne e de sangue. Ela, sua mãe, se confunde com a casa” (AC, p.142).

Soma-se à lista das vítimas, Lúcia, a filha caçula que morreu aos cinco anos de idade, depois que Isabel se negou a pagar a cirurgia para a retirada de um tumor no ouvido, alegando que o dinheiro do banco se destinava à compra da casa. O que aponta para o fato de que Isabel estava ‘consciente’ do mal que causou à filha.

confesso, Lúcia, quando você morreu eu quis morrer também. (...) quando caí sobre o dinheiro no Banco, não fiz crime premeditado. Foi omissão. Mas sou teimosa, cabeçuda, não podia aparecer logo depois dizendo que na minha conta havia com que pagar” (AC, p. 134).

Observem-se que quase todas as maldades cometidas pela protagonista são direcionadas ao sexo feminino, são aspectos da sua sombra que, para Sanford (1988) aparece sempre na figura do mesmo sexo de quem sonha. A personalidade da sombra também pode ser entendida como uma vida não vivida; essas personagens fazem parte da vida de Isabel em meio ao ‘processo’ de aquisição da casa própria, portanto, reiteram os traumas da infância e da juventude.

Estando na meia-idade, a protagonista faz um ‘balanço’ na sua vida, o que caracteriza a segunda fase do processo de individuação, nos termos junguianos; no bojo deste processo, os fragmentos que compõem a personalidade, porém deixados para trás, como é o caso da sombra, deverão ser introjetados na personalidade, visando à expansão da consciência, ou seja, a nos tornar seres autênticos. Algumas mulheres não conseguem vencer as forças contrárias ao processo porque conservam o instinto materno ativo e o instinto de morte.

A sombra está constantemente reaparecendo ao longo da vida, como que a mostrar um caminho a ser seguido. Através do confronto entre consciência (ego) e inconsciente (sombra), que somente é possível por meio do processo de individuação, os diversos comportamentos da personalidade amadurecem e se unem na realização de um indivíduo pleno. Para Jung, a sombra não é de todo negativa; possui aspectos que, uma vez admitidos, levam o ego a atingir o Self.

Ao final da narrativa de *A correnteza*, Isabel destaca “Mariana, é serpente que tudo sabe, ela entra e sai de labirintos” (AC, p.217). A serpente é um animal de força associada às origens, detentora tanto do bem quanto do mal. É senhora dos espaços desconhecidos, labirínticos; da treva e da luz, da vida e da morte. Tanto a serpente quanto o labirinto integram o mundo da Grande Mãe.

A citação acima aponta para o reconhecimento da sombra. Isabel, finalmente, identifica aspectos positivos na irmã, pois, ‘ser a serpente que tudo sabe’ equivale a reconhecer a sua abnegação, integridade, justiça, perdão, enfim, aspectos positivos, que sempre estiveram lá, porém ela os desconhecia totalmente. Não obstante tê-la feito sofrer durante quase trinta anos, colocando-se como obstáculo em sua vida, jamais testemunhou alguma atitude negativa da parte de Mariana que viesse a prejudicá-la. Ao contrário, ajudou-a inúmeras vezes a superar dificuldades; dedicou-se aos sobrinhos, dando-lhes atenção e carinho; procurou compreender a fraqueza tanto de Isabel quanto de Augusto, no que diz respeito à traição de ambos. O reconhecimento do arquétipo da sombra significa um avanço imprescindível, pois efeito mágico ou demoníaco sobre a pessoa do outro desaparece, porque a sensação perturbadora é restituída a uma dimensão definitiva do inconsciente coletivo.

A retirada da projeção propicia a abertura para uma nova vida tanto do ponto de vista psicológico quanto espiritual, que se inscreve com um renascimento, assim descrito pela narradora

Li todas as folhas do livro [da própria vida]. Fui lendo e arrancando as folhas do livro. Insônia de serpentes. Folha lida, serpente sem veneno. Folha, serpente, barrote. Augusto, Augusto me abraça, vamos. Um rodopio de festa. Augusto, veja, diga onde estou. Me vê numa poltrona? Mariana, meus filhos, meus netos, meus vizinhos. Não tenho mais varões de aço em torno de mim. Destruí a jaula. (...) A casa não possui valor algum, perdi a vida por ela, ainda estou viva. Salto do tempo afogado para esta hora, este minuto que me marca em todos os relógios do mundo, da

ruína da jaula, salto nascida, analfabeta, pobre e pequena. (...) respirou fundo, o corpo e a alma em abandono, encheu a alma e o sorvo recendia a alfazema. Cheiro de parto. “Pari eu mesma, sou mãe e sou recém-nascida” (AC, p. 219).

O renascimento de Isabel somente foi possível graças à retirada da projeção, que, do ponto de vista da psicologia profunda, é fruto do racionalismo da vida moderna, totalmente voltada para o capitalismo, de modo que desvaloriza e subestima a força do irracional no inconsciente. Esta, por sua vez, quando encontra espaço, torna-se tão devastadora e irresistível como uma doença; algo da instância da loucura como a concebemos. A obra de Alina questiona essa desvalorização, mostra que Isabel investe no seu idealismo e, engenhosamente, torna sua loucura tão perfeita quanto possível, chega mesmo a duvidar de sua insanidade “Isabel louca?” (AC, p.142). Porém, conforme suas próprias palavras “Isabel, só Isabel conhece” (AC, p. 48).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na nossa análise do arquétipo da sombra em *A correnteza*, procuramos evidenciar que a casa é um personagem, em torno do qual tudo gira. Como objeto dos sonhos da protagonista possui seus alicerces fincados no ‘rompimento’ de Isabel com a irmã Mariana, por motivo banal, durante a infância. Isso tomou rumos outros, levando-a a mergulhar no irracional e a lidar com ‘monstros’ de diferentes formas, para realizar o sonho da casa própria.

Na maturidade, período em que vivencia a metanóia faz uma reavaliação da vida e tenta unir, pelo fio da memória as partes cindidas de si mesma. Neste processo que se refere à segunda fase da individuação, resgata todos os conteúdos reprimidos que fazem parte do seu ego, e que foram jogados no ‘saco da sombra’, levando-a a atingir um maior grau de consciência de si mesma. Ao fazer as pazes com Mariana, reaproxima-se do aspecto positivo da Grande Mãe, conquista o feminino superior, o qual propicia o florescimento de muitas partes da personalidade atrofiadas pela educação e cultura.

Conforme foi mostrado, o conflito psicológico que se originou em criança e que foi tomando maiores proporções durante a juventude da protagonista, corresponde à luta arquetípica entre o ego e a sombra, uma realidade na nossa vida tanto coletiva quanto individual, e diz respeito à valoração ética. Com a revelação da sombra, Isabel experiencia o numinoso, um força capaz de transformá-la, levando-a a entender que Mariana, uma das representações dos aspectos negativos de si mesma é, na realidade, a luz (o bem); apenas não reconhecera antes devido ao seu limitado ‘ponto de vista’, o que corrobora com a ideia de Jung de que a sombra não é tão negativa quanto pensamos, trata-se de uma complementação do nosso ego, a outra face de nós mesmos que insistimos em reprimi-la.

Vale lembrar que a literatura tem servido para mostrar a dinâmica das imagens que falam ao homem, quer se situem, quer façam parte de uma trama narrativa. O artista evoca o inconsciente ao lidar com um tema; padrões profundos animam materiais inconscientes, adormecidos e, muitas vezes, a sua intencionalidade é sobrepujada pela irrupção de imagens poderosas, daimônicas, cujo significado carece de decifração, pois o mito fala enviesado para dizer de uma verdade que se encontra para além da consciência. A irrupção de tais imagens é tão forte que nos leva a enfrentar aspectos demoníacos e maléficos de nós mesmos, como ocorreu com a personagem Isabel, cujo comportamento ‘monstruoso’ afasta-a do convívio social.

Entendemos que a estrutura psíquica das personagens construídas por Alina Paim revela imagens ancestrais herdadas e elaboradas à medida que a obra de arte atualiza essa ancestralidade psíquica. Essas imagens que resgatam os motivos ancestrais constituem, na obra da romancista, o modo visionário da construção artística do seu texto. Além disso, mostra que a escritora em tela é portadora do projeto mitológico; pelo viés da metáfora literária ressalta as intersecções entre a consciência e o inconsciente, recriando em *A Correnteza* a luta arquetípica entre o bem e o mal, configurada em uma época em que o homem vivencia diversas crises

no âmbito religioso, econômico, social e psicológico. Acima de tudo, sua obra mostra que ‘pisar’ em terras desconhecidas, apostando no autoconhecimento, é tarefa psicológica do mito, um ponto de união entre a psicologia e a literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLEI, S. L. P. **Monstros, índios e canibais**. Florianópolis: Insular, 2000.
- BACHELARD, G. **A terra e os devaneios do repouso**. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FRANZ, V. M. L. **A sombra e o mal nos contos de fadas**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. **O espírito na arte e na ciência**. Tradução de Maria Moraes Barros. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- _____. **Os arquétipos do inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **A energia psíquica**. Tradução de PE. Dom Mateus Ramalho Rocha, Petrópolis: Vozes, 2002.
- PAIM, A. **A correnteza**. Rio de Janeiro: Record, 1979
- RIVKAH, Scharf-Kluger. **Satan in the Old Testament**. Northwestern University Press, 1967.
- SANFORD, J. **O mal, o lado sombrio da realidade**. Tradução de Sílvio José Piloa, João Silvério Trevisan. São Paulo: Paulinas, 1988.

NOTAS

- 1 JUNG, C. G. O espírito na arte e na ciência. Tradução de Maria Moraes Barros. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 54-72.
- 2 A partir de agora usaremos a sigla AC para o romance A correnteza.

OS AUTORES

Ana Leal Cardoso

É doutora em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (2005). Professor titular da Universidade Federal de Sergipe. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura Brasileira, crítica literária, mitos, símbolos, literatura, arquétipo; sombra; processo de individuação; mito, alina paim, literatura infantil, mito, gênero, sexualidade e identidades. Email: analealca@yahoo.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3181-0551>